

NOTÍCIA

OS FRAGMENTOS DAS OBRAS PERDIDAS DE ARISTÓTELES EM TRADUÇÃO PORTUGUESA

Desde 2004, um projecto editorial pioneiro promovido pelo Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa e coordenado pelo investigador daquela unidade António Pedro Mesquita vem lançando em Portugal, e agora também no Brasil, a tradução dos escritos de Aristóteles, no que pretende ser a primeira edição integral da obra aristotélica em língua portuguesa.

A colecção engloba, além dos escritos reunidos por Immanuel Bekker, em 1831, na primeira edição moderna da obra aristotélica (a qual inclui tanto tratados autênticos, como espúrios e duvidosos) e do texto só posteriormente redescoberto da *Constituição dos Atenenses*, a totalidade dos fragmentos (uma vez mais, autênticos, suspeitos e pseudepígrafos) e ainda as sete obras apócrifas que circularam em época tardia sob o nome de Aristóteles, designadamente o *Livro das Causas*, o *Segredo dos Segredos* ou a *Teologia*.

Ao propor-se levar a cabo a tradução colectiva deste conjunto, estas *Obras Completas* são, assim, a nível internacional, as primeiras e, até ao momento, as únicas a englobar a totalidade do legado aristotélico, uma vez que nenhuma outra inclui estas últimas.

A edição, que é apoiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia de Portugal, é garantida pela editora pública portuguesa Imprensa Nacional – Casa da Moeda, que desde o primeiro momento se associou com entusiasmo à iniciativa.

Em Portugal, saíram já por esta colecção onze volumes:
Introdução Geral (António Pedro Mesquita).

Tópicos (tradução de José Segurado e Campos, que obteve o prémio de tradução científica e técnica da União Latina relativa ao ano de 2007).

Geração e Corrupção (tradução de Francisco Chorão).
Sobre a Alma (tradução de Ana Maria Lóio).

História dos Animais I-VI (tradução de Maria de Fátima Sousa e Silva).

História dos Animais VII-X (tradução de Maria de Fátima Sousa e Silva).

Partes dos Animais (tradução de Maria de Fátima Sousa e Silva).

Económicos (tradução de Delfim Leão).

Retórica (tradução de Manuel Alexandre Júnior, Abel Nascimento Pena e Paulo Farmhouse Alberto).

Problemas Mecânicos (tradução de Rodolfo Lopes).

A Teologia Aristotélica (tradução de Catarina Belo).

De registar que, destes nove primeiros tratados publicados, sete nunca haviam sido antes traduzidos para português directamente a partir do original.

Por outro lado, a *Teologia Aristotélica* constitui o primeiro apócrifo tardio a surgir na colecção, das sete previstas, facto que, como indicado, singulariza a nível internacional a presente edição. Para além disso, este texto, apenas disponível num original árabe, constitui também a primeira obra da colecção a ser traduzida a partir desta língua.

O público brasileiro pode agora também aceder directamente aos textos incluídos na colecção.

Com efeito, graças a um protocolo firmado entre o Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, a editora portuguesa Imprensa Nacional – Casa da Moeda e a editora brasileira Martins Fontes, as traduções publicadas em Portugal por aquela começaram, desde 2011, a sair igualmente no Brasil, em edição preparada por esta.

Foi o que aconteceu já com os *Económicos* (2011), a *Retórica* (2012) e, mais recentemente, o *Sobre a Alma* (2013). Seguir-se-lhes-á, no próximo ano, o primeiro tomo da *História dos Animais*.

Na colecção original, o próximo volume a sair será o primeiro contendo os fragmentos das obras perdidas de Aristóteles, no que constitui também uma *première* em língua portuguesa, a juntar-se, aliás, a um conjunto muito restrito de traduções dos fragmentos aristotélicos em qualquer língua.

O volume reunirá os *Fragmentos dos Diálogos e Obras Exortativas*, em tradução de António de Castro Caeiro, da Universidade Nova de Lisboa, com revisão científica de António Pedro Mesquita, da Universidade de Lisboa.

Oportunamente, seguir-se-lhes-ão dois outros tomos, um dedicado aos fragmentos das obras lógicas, de retórica e poética e das obras éticas, filosóficas e físicas e outro dedicados aos fragmentos das obras biológicas e históricas e aos discursos, cartas e poemas.

Em seguida, publica-se uma apresentação do volume que se encontra no prelo, da autoria do tradutor, o índice dos fragmentos a editar no conjunto dos três tomos e excertos do primeiro e do último diálogos de Aristóteles incluídos na tradução que se encontrará disponível dentro de alguns meses.

APRESENTAÇÃO

António de Castro Caeiro *

*Universidade Nova de Lisboa

O que nós hoje temos sob a designação de “fragmentos de Aristóteles” são citações de (e referências a) escritos perdidos de Aristóteles, mas que não foram introduzidos na edição histórica de Andronico de Rodes. Por isso mesmo, não foram conservados.¹ Os fragmentos foram coligidos a partir de obras de outros autores e cobrem um período que vai de Teofrasto, o discípulo e sucessor de Aristóteles no Liceu, até à tradução latina dos *Económicos*, em 1259, por Guillaume Durand, Bispo de Mende no Languedoc, mas apenas impresso no século XV.² Este longo período de quase dois mil anos após a morte de Aristóteles, abrange obras dos mais lídimos representantes da escola neoplatónica, como Porfírio, Jâmblico, Proclo e Simplício, mas também autores axiais para a introdução da tradição grega na latina, como Cícero, Plínio e Santo Agostinho.

A versão dos fragmentos gregos e latinos dos livros perdidos de Aristóteles que agora se põe à disposição do público português foi fixada por Valentin Rose, filólogo e bibliotecário por inclinação.³ Trabalhou desde 1855 na Biblioteca Real em Berlim, onde a partir de 1886 foi responsável pelo departamento de manuscritos.⁴

A sua dissertação inaugural com o título *De Aristotelis librorum ordine et auctoritate commentatio*, de 2 de Agosto de 1854, editada em Berlim pela Georg Reimer, está na base da sua primeira viagem ao mundo dos manuscritos. Ela revela já em si tanto o interesse por Aristóteles quanto pelo desenvol-

1. Cf. H. Flashar, U. Dubielzig, B. Breitenberger, *Aristoteles: Fragmente zu Philosophie Rhetorik, Poetik, Dichtung*, Berlin, Akademie Verlag, 2006, p. 9.

2. Valentin Rose, *De Aristotelis librorum ordine et auctoritate commentatio*, Berlin, Georg Reimer, 1854, p. 258.

3. Chamava à Biblioteca “a sua velha pátria e Igreja” (*Selbstanzeige des Egidius*, Mitteilung aus dem Teubnerschen Verlag, 1907, n-3, citado por Emil Jacobs em *Ein Nachruf*, pp. 15-16).

4. Emil Jacobs, *Valentin Rose, Ein Nachruf. Sonderabdruck aus dem “Zentralblatt für Bibliothekswesen”, Band xxxiii (1917), Heft 5/7*, Leipzig, Otto Harrassowitz, 1917, p. 2.

5. Emil Jacobs, *Nachruf*, p. 4.

6. Valentin Rose, *Aristoteles Pseudepigraphicus*, Leipzig, Teubner, 1863.

7. Citado por Flashar, *Aristoteles: Fragmente*, p. 1.

8. Por exemplo, há alguns fragmentos do excerto retirado do livro *Acerca dos Sinais* de Teofrasto que, por vezes, são atribuídos ao próprio Aristóteles (cf. *Aristoteles Pseudepigraphicus*, p. 243-246). Tal atribuição é, segundo Rose, um erro. Erro semelhante é a atribuição a Aristóteles do *Acerca dos Ventos*, que é de Teofrasto, de cujo excerto foram retirados os fragmentos 26 e 48. Também no que toca aos livros sobre animais, Rose apresenta apenas aqueles que, pelo menos, são citados em título pelos autores anteriores a Teofrasto (cf. *Aristoteles Pseudepigraphicus*, p. 279).

Segundo ele, também os livros que Eliano cita são manifestamente de Teofrasto (frs. 363-366).

9. Cf. H. Flashar, *Aristoteles: Fragmente*, pp. 9-10. Ainda assim, como refere Flashar, nada do que era investigação de ponta nos estudos aristotélicos do seu tempo lhe terá escapado, embora não tivesse podido considerar os *Commentaria in Aristotelem Graeca* publicados entre 1882 e 1908 na Reimer nem a descoberta monumental de papiros em 1891. Rose morre aos quase 88 anos, no dia 25 de Dezembro de 1917.

vimento da perícia da leitura e catalogação de manuscritos. Fique como exemplo de paciência, capacidade técnica e perícia a decifração de todos os títulos dos manuscritos gregos e latinos do espólio da Biblioteca Real de Berlim no âmbito da *Medicina*. Foram necessários cinco anos a Rose para levar a cabo tal tarefa.⁵

Na base dos fragmentos coligidos por Rose está um livro de 728 páginas, publicado em 1863 com o título: *Aristoteles Pseudepigraphicus*.⁶ Nele, defende-se a tese geral da multiplicação de livros falsamente imputados a autores consagrados não apenas devido a erro técnico, mas também por decisão consciente. Foram sobretudo imitados os diálogos de Platão e o género epidíctico, porque, diz Rose: “são fecundos em imitadores e imitadores zelosos”. Segundo ele, também Aristóteles não escapou ao processo de falsificação. Por isso, as citações e referências que constam alegadamente como fragmentos de livros de Aristóteles não são da sua autoria na sua esmagadora maioria.

Ainda em 1885, no prefácio à edição dos *Fragmenta* de 1886, Rose reitera a tese:

Quanto ao mais, para além dos *Problemas*, não há nenhuma das obras do próprio Aristóteles que, na verdade, se tenha perdido, a não ser talvez partes da *Política*, da *Poética* e da *Metafísica*, que já se tinham perdido antes da própria época dos gramáticos alexandrinos. Por isso, os fragmentos de livros perdidos de Aristóteles não existem nem nunca existiram.⁷

Para Rose, tratam-se de textos que imputa à figura do *Aristoteles pseudepigraphicus*, isto é, textos que ou são falsamente atribuídos a Aristóteles ou são assinados por um falso Aristóteles.⁸ Isto é, tratam-se de *Aristotelis qui ferebantur librorum fragmenta*, “fragmentos que se considera ser de livros de Aristóteles”, tese que mantém até ao fim da vida.⁹

Apesar de a Academia ter levantado reservas relativamente à hipótese exegética de Rose, premeia o texto e publica-o na coleção das obras completas de Aristóteles de Immanuel Bekker. Por essa mesma razão, o Volume III da Academia contém efectivamente fragmentos de livros atribuídos a Aristóteles. Para Bekker, tratam-se, antes, de *reliquiae librorum perditorum Aristotelis* (“vestígios remanescentes dos livros perdidos de Aristóteles”).¹⁰

As versões ulteriores de Walzer¹¹ e de Ross,¹² ao aceitarem a tese de V. Rose, tendem naturalmente a desvalorizar a importância dos fragmentos para os estudos aristotélicos (o que acontece também com a edição de R. Laurenti¹³ e de A. Vallejo Campos¹⁴), fragmentando ainda mais o número de textos já fixados.¹⁵ Nem a monumental edição de Olof Gigon¹⁶ conseguiu vingar. A imensa quantidade de texto inserido torna quatro vezes maior a edição do que a de Rose. Sem dúvida, permitirá compreender melhor a contextualização do autor que cita o fragmento. Mas, se não ofuscar o leitor para o *zooming* sobre Aristóteles, não consegue em todo o caso melhorar substancialmente a compreensão de um texto já de si fragmentado. Contamina-o com ruído de fundo.¹⁷

Qualquer que seja a decisão, a edição de Rose permanece incontornável, quer quando é aceite sem reservas, quer quando se tenta corrigi-la.

A edição da Teubner de 1886 serve de base a esta tradução.

10. Essa a razão pela qual a Academia das Ciências tinha levantado reservas à hipótese exegética do autor. Mas, para Rose, as consequências eram também práticas, porquanto, tal como o seu antecessor de Rodes, Andronico, ele deixa de fora do catálogo das obras completas de Aristóteles os textos a que pertencem os fragmentos, porque considera que não são da sua autoria (Cf. *Nachruf*, p. 13).

11. R. Walzer, *Aristotelis dialogorum fragmenta in usum scholarum selegit Ricardus Walzer*, Firenze, G. C. Sanzoni, 1934.

12. W. D. Ross, *Aristotelis fragmenta selecta recognouit breuique adnotatione instruxit W. D. Ross*, Oxford, At the University Press, 1955.

13. R. Laurenti, *I frammenti dei dialoghi*, Napoli, Luigi Loffredo, 1987.

14. A. Vallejo Campos, *Aristóteles: Fragmentos*, Madrid, Gredos, 2005.

15. Cf. Flashar, *Aristoteles: Fragmente*, p. 10.

16. O. Gigon, *Aristotelis Opera. Volumen tertium: Librorum deperditorum fragmenta collegit et adnotationibus instruxit Olof Gigon*, Berlin, New York, Königlichen Preussischen Akademie der Wissenschaften, 1987.

17. O tradutor permite-se corroborar a posição de Helmut Flashar (*op. cit.*, p. 11)

ÍNDICE DOS FRAGMENTOS EDITADOS POR VALENTIN ROSE ¹

I. DIÁLOGOS (FR. 1-110/111)

- Acerca da filosofia*: fr. 1-26.
Acerca do bem: fr. 27-31.
Mágico: fr. 32-36.
Eudemo ou *Acerca da alma*: fr. 37-48.
Acerca da prece: fr. 49.
Protréptico: fr. 50-61.
Acerca da educação: fr. 62-63.
Nerinto: fr. 64.
Sofista: fr. 65-67.
Acerca da retórica ou *Grilo*: fr. 68-69.
Acerca dos poetas: fr. 70-77.
Político: fr. 78-81.
Acerca da justiça: fr. 82-90.
Acerca da nobreza: fr. 91-94.
O amante: fr. 95-98.
Banquete: fr. 99-110/111.

II. OBRAS LÓGICAS (FR. 112-124)

- Acerca dos problemas*: fr. 112.
Divisões: fr. 113-115.
Registos (de assuntos lógicos):² fr. 116.
Categorias: fr. 117
Acerca dos contrários (acerca dos opostos):³ fr. 118-124.

III. OBRAS DE RETÓRICA E POÉTICA (FR. 125-179)

- Recolha da arte de Teodecto*: fr. 125-135.
Recolha de artes: fr. 136-141.
Dificuldades hóméricas: fr. 142-179.

1. No presente volume, dedicado aos fragmentos e obras exortativas, serão publicados apenas os fragmentos pertencentes à primeira secção. Os restantes serão integrados nos tomos 1 e 2 do volume XI (respectivamente, as secções II-VI e VII-X).

2. *Hupomnêmata (logika)*.

3. *Peri enantiôn (peri antikeimenôn)*.

IV. OBRAS ÉTICAS (FR. 180-184)

Excertos da República de Platão: fr. 180.
Regras para as refeições tomadas em conjunto: fr. 181.
Acerca da vida conjugal do marido e da mulher: fr. 182-183.
Regras para o marido e a mulher: fr. 184.

V. OBRAS FILOSÓFICAS (FR. 185-208)

Acerca das ideias: fr. 185-189.
Acerca dos pitagóricos: fr. 190-205.
Acerca da filosofia de Arquitas: fr. 206-207.
Acerca de Demócrito: fr. 208.

VI. OBRAS FÍSICAS (FR. 209-278)

Problemas físicos: fr. 209-245.
Acerca das cheias do rio Nilo: fr. 246-248.
Acerca da pedra de Hércules: fr. 248 (continuação).
Acerca dos sinais: fr. 249-253.
Acerca dos metais: fr. 254-266.
Acerca das plantas: fr. 267-278.

VII. OBRAS BIOLÓGICAS (FR. 279-380)

Diversas obras biológicas: fr. 279-361.
Selecta de dissecções: fr. 362.
Acerca dos animais: fr. 363-372.
Medicina: fr. 373-379.
Óptica: fr. 380.

VIII. OBRAS HISTÓRICAS (FR. 381-644)

4. A recolha incluirá apenas os fragmentos 472-603, uma vez que os anteriores (381-471) pertencem à *Constituição dos Atenenses*, cuja versão completa foi entretanto descoberta, já após publicada a edição de Rose. Constituirá o tomo 3 do volume VII das *Obras Completas de Aristóteles*.

Constituições, fr. 381-603.⁴
Costumes: fr. 604-611.
Reclamações: fr. 612-614.
Vencedores píticos: fr. 615-617.
Didascálias: fr. 618-630.
*Registos históricos:*⁵ fr. 631-636.
Pepló: fr. 637-644.

5. *Hupomnêmata historika*.

IX. DISCURSOS E CARTAS (FR. 645-670)

Apologia contra Eurimedonte sobre a acusação de impiedade: fr. 645.

Sobre a realeza: fr. 646-647.

Alexandre ou Acerca das colónias: fr. 648.

Elogio de Alexandre: fr. 649.

Elogio de Platão: fr. 650.

Cartas: fr. 651-670.

X. POEMAS (FR. 671/672-675)

XI. APÊNDICE (FR. 676-680)

Fragmentos suspeitos: fr. 676-680. ⁶

6. Estes fragmentos não serão incluídos na recolha. Após a edição dos fragmentos, Rose apresenta ainda as três vidas antigas de Aristóteles preservadas para além das de Diógenes e Hesíquio, a saber, a *Vita Marciana*, a *Vita Vulgata* e a *Vita Latina*, que também não serão transcritas. Para o respectivo conteúdo, veja-se o “Breve Conspecto da Biografia Aristotélica”, incluído no primeiro volume das *Obras Completas de Aristóteles*.

EXCERTOS DO PRIMEIRO E DO ÚLTIMO
DIÁLOGOS DE ARISTÓTELES
INCLUÍDOS NESTA TRADUÇÃO DOS
FRAGMENTOS

1: ACERCA DA FILOSOFIA

Fragmento 1

(Plutarco, Adversus Colotem 20 = Moralia 1118c)

O “conhece-te a ti mesmo” parecia ser o mais divino de todos os epigramas de Delfos. Foi este, com efeito, que deixou Sócrates em dificuldades¹ e o fez começar a investigar desta maneira, tal como disse Aristóteles nos diálogos platônicos.²

...

Fragmento 8

(Proclo, apud João Filópono, De aeternitate mundi II 2, 31.17-32.8 Rabe)

Dir-se-ia que não havia nada que aquele homem <Aristóteles> rejeitava mais em Platão do que a hipótese das ideias, não apenas nos escritos lógicos, mas também nos éticos, nos físicos, e, sobretudo, nos metafísicos. E até nos diálogos gritou com a mais límpida nitidez que não conseguia simpatizar com aquela doutrina [a teoria das ideias], ainda que não se possa deixar de pensar que o contradizia mais por uma espécie de gosto pela disputa.³

(Plutarco, Adversus Colotem XIV = Moralia 115b-c)

A respeito das ideias, que censurava a Platão, Aristóteles – movendo-lhes questões por toda a parte e levando-as a toda a espécie de apuros,⁴ tanto nas reflexões éticas, como nas metafísicas, nas físicas e ao longo dos diálogos exotéricos –, parecia a alguns comportar-se com a doutrina platônica mais pelo gosto da disputa do que por um motivo verdadeiramente

1. *Aporiai.*

2. *En tois platōnikois.* Neste contexto, “nos diálogos platônicos” não significa “nos diálogos de Platão”, mas “nos escritos em forma de diálogo como os de Platão”.

3. *Philoneikian.*

4. *Aporian.*

5. *Philoneikoteron ê philosophôteron.*
6. *Tois eidêtikois arithmois.*
Trata-se das célebres Ideias-
Números ou ideias de
números, que, segundo
testemunhos posteriores,
Platão teria abraçado
na última fase do seu
pensamento.
7. *Metafisica M 9,*
1086a18-21, que Siriano
está a comentar (*pace*
Renato Laurenti)
8. *Monadikos arithmos.*
9. *Apo te tôn peri psuchên
sumbainontôn.*
10. *Apo tôn meteôrôn.*
11. *Ti theon.*

filosófico,⁵ como se se tivesse proposto desprezar a filosofia de Platão: tão longe estava de a seguir.

Fragmento 9

(Siriano, *In Metaphysica commentaria* 159.33-160.5 Kroll)

O facto de que ele próprio <Aristóteles> admite que não tinha dito nada contra as hipóteses deles <dos platónicos anteriores a Xenócrates> e que não acompanhava os números ideais,⁶ caso fossem diferentes dos matemáticos, encontra-se atestado por estas palavras do segundo livro do seu *Acerca da filosofia*: “De tal forma que, se as ideias são um outro número que não o matemático, não teríamos nenhuma compreensão dele. Pois quem, de entre a maioria de nós, tem compreensão de outro número?” Assim, também aqui⁷ construiu as suas refutações para a grande maioria, que não conhece senão o número composto por unidades,⁸ sem nem sequer chegar a atingir o princípio do pensamento daqueles homens divinos.

Fragmento 10

(Sexto Empírico, *Adversus Mathematicos IX* 20-23)

Aristóteles disse que a noção dos deuses se gerou nos humanos a partir de dois princípios: a partir daquilo que acontece à alma;⁹ e a partir dos fenómenos celestes.¹⁰ Mas a partir do que acontece à alma, a inspiração e a capacidade divinatória geram-se nos sonhos. Porque, dizem, quando, no sonho, a alma fica só consigo mesma, recuperando, nessa altura, a sua natureza própria, profetiza e prediz o que está para acontecer no futuro. É também assim que ela existe por ocasião da morte, ao separar-se do corpo. Aristóteles admite que também o poeta Homero observou de perto isto mesmo, pois que fez Pátroclo, no momento em que estava a ser morto, predizer a morte de Heitor e Heitor, por sua vez, predizer o fim de Aquiles. A partir destes exemplos resulta então, disse [Aristóteles], que os humanos supuseram que há algo de divino,¹¹ pois é o que mais se assemelha por si mesmo à alma e é maximamente capaz de possuir conhecimento. Mas, certamente, o mesmo se dá a partir da consideração dos fenómenos celestes. Pois, ao contemplarem de dia o sol circundante e de noite o movimento bem ordenado das restantes estrelas, os homens pensaram

que há algo divino,¹² causa de um tal movimento e de uma tão bela ordenação. Assim disse Aristóteles.

...

Fragmento 12

(Cícero, De natura deorum II xxxvii 95-96)

De uma forma esplêndida, então, disse Aristóteles: “Se existissem pessoas que desde sempre tivessem habitado debaixo da terra em mansões boas e magníficas, embelezadas com estátuas e pinturas e equipadas com tudo aquilo que os que são tidos por felizes¹³ possuem em abundância; se, além do mais, nunca tivessem saído para a superfície da terra, mas tivessem sabido por um rumor ou por terem ouvido falar que há uma certa divindade¹⁴ e o poder dos deuses; e depois de algum tempo, abertas as fauces da terra, tivessem podido evadir-se e escapar das suas moradas escondidas para o lugar que nós habitamos; no preciso instante em que vissem a terra e os mares e o céu, a dimensão das nuvens e a força dos ventos, e tivessem olhado para o sol e tivessem reconhecido não só toda a sua grandeza e beleza como também o poder da sua influência que faz o dia, quando se difunde a luz por todo o céu; se, quando a noite esconde as terras, vissem todo o céu adornado e ornamentado com estrelas e a variedade do brilho da lua ora em quarto crescente ora em quarto minguante e todo o nascimento e ocaço destes astros, bem como os seus percursos imutáveis e fixados desde toda a eternidade – se vissem tudo isto, ajuizariam com toda a certeza que existem deuses e que tamanhas coisas são obra dos deuses.” Assim ele o disse.

...

16:

O BANQUETE

Fragmento 100

(Ateneu V 178ef)

Homero, exacto a respeito de tudo, não deixa escapar este pequeno pormenor, que é preciso cuidar do corpinho e lavá-lo antes de ir para um jantar. Pelo menos, disse a respeito de Odisseu antes da festa com os feaces: “A governanta

12. *Tina theon.*

13. *Beati.*

14. *Numen.*

15. *Odisseia* VIII 449.
16. *Odisseia* IV 48.
17. *Iliada* I 470. *Stephanos* (“coroa”) e *stephanô* (“coroar”) querem dizer o acabamento completo de uma determinada obra ou acção. Nós poderíamos dizer qualquer coisa como a cereja em cima do bolo. Não podemos perceber em português a noção de “coroar” o copo com vinho, mas sem dúvida que a espuma que faz nas bordas dá a ideia de coroa, anunciando ao mesmo tempo que está cheio ou completo.
17. *Odisseia* VIII 170.
18. *Iliada* I 470. *Stephanos* (“coroa”) e *stephanô* (“coroar”) querem dizer o acabamento completo de uma determinada obra ou acção. Nós poderíamos dizer qualquer coisa como a cereja em cima do bolo. Não podemos perceber em português a noção de “coroar” o copo com vinho, mas sem dúvida que a espuma que faz nas bordas dá a ideia de coroa, anunciando ao mesmo tempo que está cheio ou completo.
19. *Odisseia* VIII 170.

mandou-o logo lavar-se”.¹⁵ E acerca dos companheiros de Telémaco: “Foram até às banheiras polidas e tomaram banho”.¹⁶ É inapropriado, diz Aristóteles, chegar a um banquete completamente a suar e cheio de pó. Um homem elegante não deve estar sujo nem por lavar nem deleitar-se com a porcaria, como diz Heraclito.

Fragmento 101
(*Ateneu XV 674e-675a*)

<Safo> exorta os sacrificantes a que se coroaem, porque é mais alegre e agrada mais aos deuses. Aristóteles, por sua vez, diz no *Banquete* que não oferecemos nada mutilado aos deuses, mas apenas coisas perfeitas e inteiras. Ora o completo é perfeito e coroar significa uma certa forma de completar. Diz Homero: “Jovens coroaavam as taças de bebida”;¹⁸ e: “O deus coroa a sua figura com palavras”,¹⁹ querendo dizer que, aos que à vista não têm boa figura, completa-a a persuasão do discurso. Por conseguinte, é isto que a coroa pretende fazer. É por isso que, no luto, nos preparamos de forma inversa. Por compaixão para com o morto, mutilamo-nos com um corte de cabelo e retiramos as coroas.

...

Fragmento 105
(Pseudo-Juliano, *Epistulae* 391bc)

O figo é não apenas agradável no sabor, como também melhor para a digestão. É tão útil para os seres humanos que Aristóteles diz que ele é um antídoto contra todo o veneno e que, ao jantar, não há nada melhor para servir quer antes da refeição quer ao doce, tal como não há melhor antídoto sagrado para eliminar os males provocados pelos alimentos. E, decerto, que o figo é dado como oferenda aos deuses, que se encontra no altar de qualquer sacrifício e que é melhor do que todo o olíbano para a preparação do incenso, não sou só eu que o digo; pelo contrário, quem quer que aprenda as suas utilizações sabe que isto é o que diria um homem sábio e ver-sado nos ritos sagrados.

Fragmento 106
(*Ateneu X 447ab*)

Mas, como diz Aristóteles no *Acerca da embriaguez*,²⁰ os que bebem a bebida de cevada, a que chamam “cerveja”, caem de costas para trás. Diz assim: “Acontece algo de peculiar aos que bebem a bebida de cevada chamada ‘cerveja’. Os que se embebedam com todas as outras bebidas caem para todos os lados, seja para a esquerda, para a direita, para a frente ou para traz. Apenas os que se embebedam com cerveja caem [sempre] de costas para traz.”

20. Trata-se do subtítulo do *Banquete* aristotélico.

(*Ateneu I 34b*)

Aristóteles disse que os que se embebedam com vinho caem de borco, mas os que bebem a bebida de cevada caem com a cabeça para trás. O vinho pesa na cabeça, enquanto que a bebida de cevada é soporífera.

Fragmento 107
(*Ateneu X 429cd*)

Aristóteles, no seu *Acerca da embriaguez*, diz que “se o vinho for reduzido moderadamente, ao beber embriaga menos”, porque, quando reduzido, o seu poder é enfraquecido. “Os mais velhos”, disse, “embriagam-se mais rapidamente, por causa da escassez e fraqueza do calor natural que têm no seu interior. Mas também os que são muito novos se embriagam rapidamente, por causa da quantidade de calor que têm no seu interior: são facilmente dominados pelo calor que o vinho lhes acrescenta. Ademais, também entre os animais irracionais os porcos se embriagam se alimentados com uva prensada, os corvos e os cães se comem a chamada ‘planta de vinho’ e o macaco e o elefante se bebem vinho. É por isso que se caça os macacos e os corvos embriagando uns com vinho e os outros com planta de vinho.”

Fragmento 108
(*Plutarco, Quaestiones convivales III iii = Moralia 650a*)

Floro espantou-se que Aristóteles tenha escrito no seu *Acerca da embriaguez* que os velhos eram os que mais se dei-

xam apanhar pela embriaguez e as mulheres as que menos se deixam apanhar, sem que tivesse apresentado a causa, não sendo seu costume omitir tal coisa.

Recebido em novembro de 2013.

Aprovado em dezembro de 2013.